

Inimar dos Reis  
canta as folias e  
folguedos do Brasil

PÁGINA 5



Surrealismo  
revisitado em 'A  
Lua Vem da Ásia'

PÁGINA 6



Demi, o boteco  
com aquele jeitão  
francês no Catete

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



Fotos/Divulgação

*Marieta Severo reinou nas bilheterias nacionais com 'Carlota Joaquina', que volta ao circuito em agosto. Acima, releitura do design original do cartaz de Gringo Cardia*

Primeiro fenômeno de público do Brasil após uma paralisação de cinco anos na produção de cinema, em 1990, 'Carlota Joaquina' regressa – soberano – às telas, celebrado como marco

# CORTE para um CULT

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**ERA UMA VEZ UM PAÍS** cujo cinema andava paralisado. Atravessava uma fase penosa, incapaz de produzir

imagens de sua gente, em decorrência de uma artimanha presidencial que brecou o investimento na arte audiovisual, até que uma princesa chegou para salvar a pátria. A data em questão, 6 de janeiro de 1995, um Dia de Reis. Ali estreou "Carlota Joa-

quina", que voltará ao circuito em 14 de agosto, com cópia remasterizada em 4K, para comemorar os 30 anos de sua estreia e do resgate de nossa autoestima cinéfila.

Em meados dos noventa, a Embrafilme, empresa que assegurava a feitura de

títulos nacionais para a tela grande, foi para as cucuias, por culpa de uma canetada do governo Fernando Collor. Com ela, o sonho de fazer do cinema uma atividade comercial sustentável, nesta pátria, parecia ter avinagrado. Aí, estreou o primeiro longa-metragem dirigido pela atriz Carla Camurati, que havia se lançado na realização antes, com o curta "A Mulher Fatal Encontra O Homem Ideal" (1987), e o público voltou... a esperança também.

Marieta Severo encarnava o papel título: a nobre espanhola que, casada com o monarca português Dom João VI, precisa zarpar para a América do Sul do século XIX a fim de assumir o reinado do lado de cá do Atlântico. O humor inusitado, traduzido na dobradinha de Marieta e Marco Nanini (no papel de um rei glutão, devorador de frango assado), fez aquele exercício artesanal de comédia, ancorado no cais da reconstituição histórica, virar um ímã de plateias. Vendeu 1.286.000 ingressos.

**Continua nas páginas seguintes**

**N**uma época em que era mais fácil encontrar um unicórnio pelas ruas do que ver um filme brasileiro em cartaz, o engenho de Camurati, produzido por ela e por Bianca de Felippes, fez nossa atividade cinematográfica renascer. Não por acaso, encara-se a aventura de Carlota pelos trópicos como o marco zero da chamada Retomada, que vai até 2010. Os 30 anos que se passaram desde esse feito serão comemorados agora, como o retorno da Corte Real às telas, em cópias restauradas digitalmente, com patrocínio da Petrobras. O relançamento vai se espalhar por dez capitais brasileiras

“A maior alegria para mim desse trabalho foi fazer um filme de que eu me orgulho até hoje”, diz Bianca ao Correio da Manhã. “Trinta anos depois, eu assisto ao filme e ainda o acho lindo. O filme chegou ao público e a maior felicidade para mim é fila na porta. Estou animada com o relançamento, pois filme merece ser visto na tela grande, na sala escura.”

De acordo com a apuração feita pelo professor Luiz Carlos Villalta para o artigo “Entre A História E A Ficção, Um ‘Romance’ Crítico Do Conhecimento Histórico”, da “Revista USP”, o custo de “Carlota Joaquina, Princesa do Brasil” (segundo declarações antigas de Camurati) foi de R\$ 673 mil. O valor, já para a época de sua produção, era uma cifra baixa, uma vez que a média de então era R\$ 1,2 milhão.

A diretora assina o argumento em duo com Angus Mitchell e escreveu o roteiro com Melanie Dimantas, flertando com a liberdade no olhar para o passado. “O filme fala com leveza de um país erguido sobre privilégios, acordos de conveniência e relações de poder — temas que, infelizmente, ainda ecoam na nossa realidade”, diz Camurati no material de imprensa da reestrea da longa, cuja direção de fotografia foi de Breno Silveira (1964-2022), realizador de “2 Filhos de Francisco” (2005).

Depois de “Carlota Joaquina” vieram cults nacionais em série, como “Céu de Estrelas” (1996), “Baile Perfumado” (1996), “Os Matadores” (1997), “O que é Isso, Companheiro?” (indicado ao Oscar em 1998) e “Central do Brasil” (Urso de Ouro de 1998). Com eles, cresceu a fé de quem ambicionava estudar Cinema na década de 1990, época em que Hsu Chien Hsin, hoje um dos mais prolíficos diretores do Rio de Janeiro, realizador de sucessos como “Desapega!” (2023) e “Flerte” (2014), começou na profissão.

“Quando o ‘Carlota’ foi lançado em 1995, não se produzia mais. Todo o universo dos cinemas migrou para comerciais e para a Globo



Divulgação

*Marieta Severo e Marco Nanini, numa alquimia cômica perfeita, vivem a personagem-título e D. João VI*

# O marco zero da Retomada do cinema brasileiro



*À esquerda, Marcos Palmeira dá vida ao jovem D. Pedro, o príncipe que viria a se tornar o primeiro imperador brasileiro; à direita, a diretora Carla Camurati no set de filmagens de ‘Carlota Joaquina’*

e os que não conseguiram migrar foram trabalhar em outra área. Eu entrei na faculdade de Cinema da Universidade Federal Fluminense em 1990. A gente ficou vários anos na UFF com uma tensão muito grande, pensando: “para que estudar se não tem mais produção de audiovisual em relação a cinema?”. Quando surgiu o filme da Carla, foi um alento para a gente. Foi um divisor de águas para a minha geração.”

Hsu, que trabalhou com Bianca de Felippes em “Eduardo e Mônica” (2021), estará na primeira fila das novas projeções de “Carlo-

ta Joaquina”, que pode ampliar o faturamento das redes de exibição no segundo semestre.

“O filme foi exibido aqui no Estação e foi um super sucesso”, lembra a exibidora Adriana Rattes, diretora executiva do Grupo Estação. “Acho que ‘Carlota’ é, sem dúvida nenhuma, um grande marco, não só pelo filme em si, mas pela forma como a Carla e a Bianca lançaram-no. Elas colocaram o filme debaixo do braço e fizeram ele acontecer no Brasil todo. Ele pavimentou uma estrada, ao jogar uma luz sobre as possibilidades do cinema brasileiro naquele momento. É impres-

sionante pensar que já passou tanto tempo e já teve tantas reviravoltas, tantas conquistas, tantos passos para trás e aí está o ‘Carlota’, para ajudar a contar essa história.”

Historiadora, Cecília Matos, professora do ensino médio, destaca a relevância da narrativa de Camurati sobretudo para quem está a caminho do Enem:

“‘Carlota Joaquina’ é um filme simbólico para pensar obras audiovisuais na aula de História. A obra de Carla Camurati, ícone da Retomada do cinema brasileiro, é uma fonte secundária sobre o período joanino, mas

uma fonte primária sobre o início da década de 1990 no Brasil. A partir dessa relação entre os tempos, a mágica do filme se materializa na aula. Dom João, um algodão entre diamantes brutos, Inglaterra e França, aparece no filme como uma sátira de Portugal. A menina Ludmila Dayer é uma caricatura do eurocentrismo. Para olhares desavisados, o filme pode ser entendido como mais uma obra que transforma a História do Brasil em piada, mas, em sala, podemos provocar as turmas a pensarem o que essa história diz sobre os anos 1990, sobre as permanências e transformações na maneira de enxergar a colonização. É uma aula de conversa entre os tempos”.

A reflexão da professora Cecilia é compartilhada pelo papa do documentário histórico no país, Silvio Tendler, diretor de “Anos JK” e “Jango”:

“O longa-metragem ‘Carlota Joaquina’ representa um ato de coragem: com o cinema brasileiro paralisado, sem recursos para filmar, Carla resolve vencer o desafio e decide fazer um filme, que era uma comédia para público. Convida Marieta Severo, que encara o desafio, e, assim, nós saímos do marasmo que o (Des) Governo Collor havia nos projetado. Com ele, eu consegui rir, e num filme brasileiro. Naquele momento, foi o grande desafio de que não esquecerei”.

Como Cecilia, Tendler também é educador e lecionou Cinema anos a fio na PUC-Rio, com a certeza de que produções brasileiras como “Carlota Joaquina” desafiam a hegemonia de Hollywood sobre nossas telas, a fim de levar representações de nosso povo ao écran. Por esse empenho, o esforço de Camurati ganhou fãs naquela época, como a escritora Mariza Gualano, que citou o longa sobre intrigas reais em seus livros.

“Para uma apaixonada pelo cinema brasileiro como eu, o lançamento de ‘Carlota Joaquina, A Princesa do Brasil’ foi recebido com muito entusiasmo. Foi um sopro de esperança no cenário difícil em que se encontrava nossa cinematografia. O impacto foi tão marcante que não resisti: precisei incluir nas minhas antologias algumas das falas mais divertidas, ousadas e provocadoras desse filme que, para mim, reacendeu a chama da nossa tela com brilho e irreverência”, conta a autora de “Para Fellini, Com Amor”. “Ao embarcar de volta para Portugal, Marieta Severo dispara a icônica frase “Destá terra eu não quero nem o pó!”, que consta da minha primeira antologia de frases de cinema, ‘Ouvir Estrelas’. O livro seguinte, ‘Royale com Queijo’, de citações gastronômicas de filmes, registrou a observação do ator Brent Hieatt sobre a gula do Imperador e disse ‘Dom João morreu tomando sopa de gali-



Divulgação

“‘Carlota Joaquina’ representa um ato de coragem: com o cinema brasileiro paralisado, sem recursos para filmar, Carla resolve vencer o desafio e decide fazer um filme, que era uma comédia para público’ Silvio Tendler

“‘A gente ficou vários anos na UFF com uma tensão muito grande, pensando em para que estudar se não tem mais produção de cinema?’ Hsu Chien Chin

“‘Trinta anos depois, eu assisto ao filme e ainda o acho lindo. O filme chegou ao público e a maior felicidade para mim é fila na porta’ Bianca de Felippes

Lorhan Toledo/Divulgação



Reprodução Instagram



nhá. E o meu almanaque “Pérolas Brasileiras”, de frases e diálogos do cinema nacional, não deixou de fora o fascínio da princesa por sapatos e lembrou das seguintes palavras debochadas, ‘Agora tenho para todos os dias do ano! Poderei gastá-los tranquilamente pelas ruas horríveis do Brasil”’.

Usina viva de blockbusters, como “De Pernas Pro Ar” (2010) e “Meu Nome Não É Johnny” (2008), a produtora Mariza Leão Carlota explica que “Carlota Joaquina” marca uma virada bem-sucedida na conquista do público: “Herdeiro da tradição da comédia, o filme se impõe com inteligência e criatividade, e Marieta esbanja talento”.

Esse critério cômico que Mariza Leão aponta é trabalhado sob um viés raramente explorado em nossa filmografia, como explica o pesquisador João Carlos Rodrigues, autor do seminal “O Negro Brasileiro E O Cinema”: “Nas escolas, por muito tempo, até antes da ditadura, a figura de Carlota Joaquina era abordada de forma caricata, cercada de antipatia. O filme da Carla, muito divertida, mudou esse retrato pelas vias da comédia histórica, um filão pouco abordado aqui”.

Analista dos veios estéticos do Brasil na telona desde a década de 1980, o crítico Ricardo Cota vai estar na fila das salas em que o périplo de Carlota reestrear:

“‘Carlota Joaquina’ reacendeu a brasa adormecida do cinema brasileiro após o extermínio da Embrafilme no governo Collor. Não foi um filme qualquer, mas, sim, uma releitura humorada, feminina, da História do Brasil. Um filme solar, inspirado pelo humor que atravessa as barreiras do tempo. Poder revê-lo hoje, com minha filha, é uma forma de mostrar-lhe a História do Brasil pelos caminhos da informação e do entretenimento”, reflete Cota. “‘Carlota Joaquina’ é dos filmes que rejuvenescem com o tempo”.

Distribuidor responsável por desenhar a trilha comercial de fenômenos como “Eu Te Amo” (1981) e “Tropa de Elite 2” (2010), Marco Aurélio Marcondes lembra que a celebração dos feitos de Camurati podem resgatar um outro êxito de nossa arte de meados da década de 1990, que foi indicado ao Oscar.

“Considero que ‘Carlota Joaquina’, da Carla Camurati, teve um papel importante para a chamada Retomada, mas lembro que ‘O Quatrilho’, de Fábio Barreto fez, no memo período, um público de 1.117.154 (pagantes), com informações que prestei ao Sindicato dos Distribuidores. Hoje estes números são coisa rara para o nosso cinema”.

Essa ave rara que “Carlota Joaquina” é fez nosso cinema renascer como Fênix. Que as novas gerações se contagiem com seu humor e com a atuação iluminada de Marieta.

## Paulo-Roberto Andel

### Garotas cariocas

Rio, cidade maravilhosa de beleza e poesia inebriando corações e mentes multi-diversas. Oh, terra bela de contrastes e contradições, como se toda a cidade carioca atendesse pelo nome de Copacabana - e esta é uma leitura possível -, louvando as glórias e a decadência na mesma sala de jantar. Não há nenhum machismo em se sentenciar que um dos símbolos do Rio é a beleza das garotas cariocas, espalhada por todas as zonas da capital. Não importa o bairro, você sempre há de se deparar com garotas bonitas dos mais variados jeitos, estilos e balanços.

A garota da Tijuca, suíngue sangue bom, passeando pela praça Saens Pena a caminho da academia de malhação, com seu impecável collant e rabo de cavalo. Talvez em volta do Tijuca Tênis Clube ou, como quase sempre acontece, perto do Shopping Tijuca - o carioca ama os shopping centers. Pode ser também na Praça Afonso Pena, ainda cheia de crianças brincando em tempos cada vez mais sisudos. Ou ainda mais à frente, com as gatas extraordinárias indo e vindo da UERJ, a universidade que tem a cara da nossa cidade.

A garota de Copacabana, desfilando suíngue no bairro-cidade que representa o orgulho, a vanguarda e a decadência, tudo junto de mãos dadas. Garota Figueiredo Magalhães, Garota Santa Clara, também tem a Garota Souza Lima que é diferenciada e admirada por um ícone gay do bairro, funcionário público discreto que vive uma vida dupla como pai de família e caçador das noites trans.

Tudo é permitido.

As garotas do Centro vão voltar um dia. São elas que habitam o imaginário popular na saída dos escritórios e lojas, no famoso horário do rush, ocupando ruas e o VLT com belezas multivariadas. Hoje o coração da cidade ainda está triste e deserto, então as garotas também se fazem quase ausentes, mas é certo que o Rio vai se reinventar.

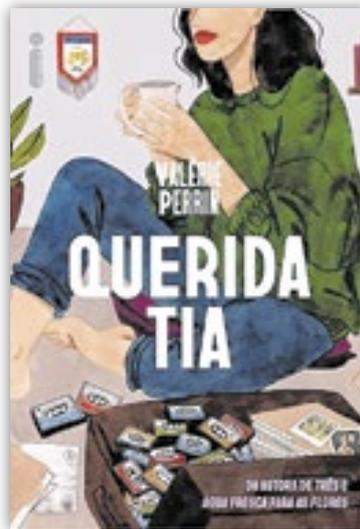
Garotas do Flamengo, do Largo do Machado, do Catete e da Glória a caminho da Central. Mais garotas desfilando nos trilhos de aço que levam o Rio ao subúrbio. Quem duvida que algumas das garotas mais belas desta cidade saltam no Méier, Quintino, Cascadura, Madureira e ainda em Magalhães Bastos, Realengo - muito -, Bangu e Santa Cruz? Beleza para todo lado, de jeito e maneiras diferentes.

Na Cidade Alta tem garota linda sangue bom, em Parada de Lucas, Vigário Geral e Honório Gurgel. Também tem na Penha, em Olaria, em Marechal Hermes e vai até a Ilha do Governador. Tem no Lins, em Água Santa, no Rocha e em Todos os Santos. São muitos lugares e muita beleza feminina espalhada de maneira homogênea. Marinas, Tatianas, Julianas, Gabriellas, Flávias, Mônicas, são muitos nomes.

Os tempos não são fáceis, mas um dia as nossas garotas vão voltar a espalhar beleza pelo Rio de ponta a ponta. Numa lanchonete, numa loja de móveis, pelas ruas, nos veículos de massa, nos cinemas, nas feiras e na orla, a beleza da garota carioca será a nossa ressurreição. Precisamos disso. Teremos.

# Os deslocados

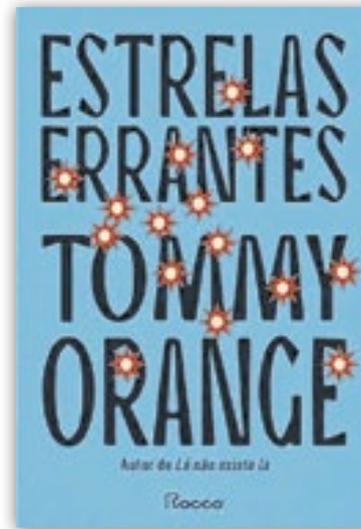
CRÍTICA / LIVROS



Por **Olga de Mello**  
Especial para o Correio da Manhã

Uma mulher morre pela segunda vez, surpreendendo amigos e parentes com a descoberta de sua vida dupla, abrigando uma fugitiva da violência doméstica. Uma família de indígenas da etnia Cheyenne tenta manter a integridade cultural depois de perderem terras e verem seu povo quase aniquilado pelos europeus que se apossam da região. Um homem atravessa parte do país às vésperas da posse de um presidente da República. O crescimento de forças paramilitares no Rio de Janeiro encurrala o povo perante a marginalidade. Em ficção ou em textos analíticos, alguns títulos propõem reflexões quanto ao deslocamento de quem luta para se integrar numa sociedade hostil às diversidades.

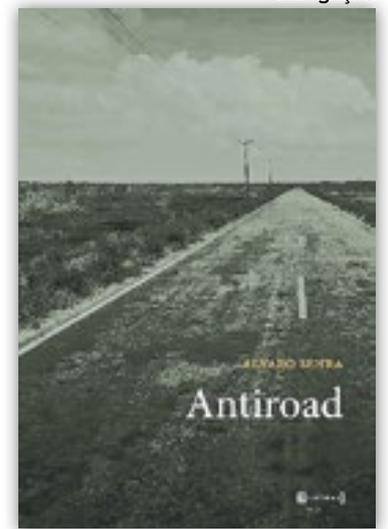
“Querida Tia” (Intrínseca, R\$ 68,90), da francesa Valerie Perrin, segue uma fórmula bem-sucedida da autora que aborda temas pungentes, quase sempre decorrentes de estigmas sociais. Agnes é informada da morte da tia Colette, cujo falecimento acontecera havia três anos. Colette passou-se por morta, sem sair à rua, depois de enterrar, em seu lugar, a amiga, que morava escondida em sua casa temendo o pai, um ex-artista circense, violentíssimo. As explicações para a primeira “morte” da tia e sua



vida secreta estão em dezenas de fitas cassete que ela deixa para a sobrinha, ajudando Agnes, recém-divorciada, a se recuperar da separação e a reencontrar suas raízes, sepultando seu próprio não-pertencimento.

Em “Estrelas errantes” (Rocco, R\$ 67,40), Tommy Orange volta à temática da inserção dos indígenas norte-americanos na contemporaneidade, abordando os programas de “reeducação” de crianças, levadas para escolas onde aprendiam valores europeus, incluindo a religiosidade cristã, e os massacres que reduziram as populações indígenas de 25 milhões de indivíduos para 2 milhões de pessoas. O genocídio indígena deixa marcas nos grupos da atualidade, que ainda sofrem preconceito racial e cultural, sem se integrar totalmente à sociedade branca, protestante e anglo-saxã. O romance foi

Divulgação



finalista do Booker Prize 2024.

“Antiroad” (Sete Letras, R\$ 54), de Álvaro Senra, é um livro ‘pé na estrada’ que observa os últimos dias de um país prestes a retroagir social-cultural e economicamente. O narrador se dirige a Curitiba para acompanhar a passagem do ano em frente à cela onde está encarcerado um ex-presidente da República, “Vamos sobreviver (...), quando tudo isso acabar estaremos vivos”, ele repete a cada momento de desânimo diante da baixa expectativa de que o eleito faça um bom governo. O romance termina no segundo dia de 2019, com o narrador refletindo sobre um Brasil sem doenças mortais “em comparação com outros trópicos” e a “desigualdade, essa sim mortal”.

Em “Como nasce um miliciano – A rede criminosa que cresceu dentro do Estado e domina o Brasil” (Bazar do Tempo, R\$ 61), a jornalista Cecília Oliveira aborda a trajetória do ex-policia Carlos Eduardo Gomes, o Cabo Bené, que dominou politicamente a cidade fluminense de Itaguaí para ilustrar o crescimento grupo paramilitar na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O fortalecimento dos milicianos, segundo a autora, se expande vertiginosamente entranhado no poder, participando de um Estado negligente em termos de segurança, obrigando a população a obedecer e sustentar uma estrutura que promete garantir o que o governo deixou de lado.

Por **Aquiles Rique Reis\***

Hoje trataremos de um trabalho que é verdadeira celebração à nossa diversidade musical. Trata-se de “Folias & Folguedos”, álbum de Inimar dos Reis, uma atração musicalmente instigante, de fôlego singular. Vindo de atuações circenses e teatrais, natural de Jequitinhonha (MG), ele se deu a pesquisas sobre os mestres e suas manifestações.

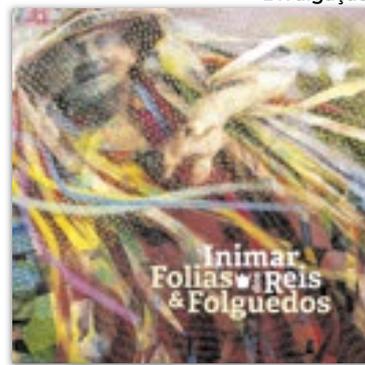
Dedicado a difundir a cultura tradicional brasileira, em suas ações, Dos Reis encontrou uma forma inovadora de trazer à luz a perenidade de tradições ancestrais, mantendo-as vivas pela voz dos seus artistas populares em sua representação da vida. Para tanto, reuniu modelos da cultura popular brasileira, como por exemplo os grupos Cupuaçu (SP), Onhas do Jequi (MG) e Cachuera!, a Congada de São Benedito (Cotia – SP) e a Folia de Reis de Mário Soares (Cotia –

SP). A seguir, algumas faixas que mesclam o cancionário popular com músicas autorais inéditas.

“Guerreiro” (Dpto. Cultura Tradicional Alagoas): “Campeão de Guerra”; “Beira Mar” (Mestre Benon – Maceió – Grupo Guerreiro Treme Terra).

“Modas de batuque” (Cultura Tradicional São Paulo): moda – “Povo de São Paulo” (Rosângela Macedo); moda – “Coruja Batuqueira” (André Bueno); moda – “Eu Agora Vou Dizer” (adaptação de Inimar dos Reis).

“Congos e Congadas” (Dpto. Cultura Tradicional – MG/SP): “Ilha Bonita” (Congo marcha dobrada, comunidade dos Arturos, Contagem – MG); “Dona



Divulgação

da Casa” (Congada de São Benedito de Cotia – SP, Mestre Benedito Pereira de Castro); “Marinheiro na Beira do Mar” (Congo da comunidade dos Arturos, Contagem – MG); “Ô Lapa” (Congo da comunidade dos Arturos, Contagem – MG).

**CRÍTICA / DISCO / FOLIAS & FOLGUEDOS**

## Um retrato do povo brasileiro

“Marcha Grave” (Dpto. Cultura Tradicional – MG): “Rei de Congo Vei de Angola” (Congo de Justinópolis–MG; “Lá Vem Meu Barquinho” (Dpto. Cultura Tradicional MG, Moçambique de Jatobá–MG.

“Flor de Afoxé” (Inimar dos Reis). “Deus Menino, Eu Vim Aqui” (Dpto. Cultura Tradicional do Vale do Jequitinhonha – MG): informantes: Amenaydes e Ana Gonçalves (Itinga – MG); recolhido por Frei Chico e Grupo Trovadores do Vale.

“Caranguejo” (Dpto. Cultura Tradicional – RJ): Os Coroa Cirandeiros, Paraty – RJ, Mestre Verino.

“Festa na Roça” (Marcos

Tinguá e Inimar dos Reis).

Sugiro que ouçam o trabalho como um ourives que bateia preciosidades. Ouvindo os próprios menestréis tocarem e cantarem o que somos e de onde viemos, poderão ver que estão diante de tradições centenárias, da vida em transformação e um Brasil que através da cultura nos identifica e qualifica como cidadãos. Ouça em <https://11nk.dev/kqA9K>

Como temos histórias para ca(o)ntar! Ouvindo-as cantadas em folias e folguedos do Brasil interiorano, (re)descobriremos o que éramos e por que assim hoje somos.

### Ficha técnica

Arranjos e direção musical: Marquinho Mendonça; produção executiva: Ana Francisca e Uirá Santos; mixagem: Estúdio Ricardo Cardoso; masterização: Trilha Certa Áudio Ltda; ilustração: Maurício Negro.

**\*Vocalista do MPB4 e escritor**

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Outroeu + Elba

O duo Outroeu acaba de lançar o single “Um doce, uma flor”, com participação de Elba Ramalho. O xote romântico é a segunda faixa antecipada do álbum “Quarto”, composto por Mike Túlio, Guto Oliveira e Victor Huggo. A canção mantém a identidade sonora do grupo com arranjo refinado e sanfona. “Fazer um feat com a Elba é um privilégio sem tamanho! Foi muito legal gravar com ela — um supertalento e um poço de doçura e elegância, além de ter uma voz inigualável, daquele tipo que engrandece a canção”, diz Mike.

Gilberto Dutra/Divulgação

Divulgação



## Cosmogonias sonoras

A banda mineira Assombro de Bixo lança o single “Averso ao Inverso”, segundo trabalho que antecipa seu álbum de estreia. A faixa explora o tema do amor através de uma fusão entre ritmos caipiras, música afro-brasileira e MPB. Formado por sete integrantes, o grupo se inspira na cosmogonia munduruku e homenageia o Bixo da Seda, banda icônica dos anos 1970. “A música cresce conforme avança a narrativa dessa dança, que é embalada pela melodia constante que o violão evoca, mostrando como quem se envolve nela se sente”, reflete o integrante Augusto Vargas.



Divulgação



## Balada moderna

Marco Baptista lança nesta quinta-feira (26) o single “Foi Amor” nas plataformas digitais. A balada moderna aborda os descompassos do fim de um relacionamento, equilibrando elementos eletrônicos e acústicos com produção de Victor Amaral e Túlio Aiold. O videoclipe estreia nesta sexta, com direção de Liz Lanini, Mariana Martins e Pedro Ortega. A narrativa visual acompanha o artista em São Paulo, lidando com os ecos de um término recente em cenário intimista que reflete seu estado emocional. A canção explora temas como frustração e desencontros.

Quase quinze anos depois de sua primeira montagem, Chico Diaz retorna ao universo perturbador de Campos de Carvalho (1916-1998) com uma nova versão de “A Lua Vem da Ásia”. O monólogo, que estreia no Teatro Vannucci neste sábado (5), traz ajustes que o próprio ator considera necessários para dialogar com os tempos atuais, mantendo intacta a força provocativa do texto original do escritor mineiro, um dos expoentes do surrealismo na literatura brasileira.

Originalmente publicada em 1956, a obra constrói um retrato desconcertante da condição humana através do relato de um homem que acredita estar hospedado em um hotel de luxo, quando na verdade encontra-se confinado em uma instituição. Entre devaneios e escrita compulsiva, o protagonista — que assume múltiplas identidades como Adilson, Leonildo, Astrogildo ou Ruy Barbo — registra suas memórias com a pretensão grandiosa de contribuir para a cultura universal. A descoberta gradual sobre sua real situação serve como metáfora para questões mais amplas sobre lucidez, loucura e a natureza absurda da existência moderna.

“As mudanças são para contextualizar o momento histórico que nós vivemos e também tornar mais leve e mais palatável. A obra continua contundente, oportuna, reflexiva, bem humorada, ela tem umas questões do mundo moderno a serem discutidas”, explica Chico Diaz. O ator, que também assina a adaptação, buscou preservar a essência crítica do texto original enquanto o tornava mais acessível ao público contemporâneo, adicionando elementos de leveza e humor sem comprometer a densidade reflexiva da obra.

Estruturado como um diário em cena, o espetáculo se divide em duas partes distintas. Na primeira, denominada “percurso do Eu”, o protagonista explora as múltiplas vozes que habitam sua mente, revelando a complexidade de sua psique fragmentada. A segunda parte o conduz ao “percurso pelo mundo”, onde



*Em ‘A Lua vem da Ásia’, Chico Diaz encena um jogo entre realidade e delírio, lucidez e loucura*

# Delírios revisitados

Chico Diaz adapta e interpreta ‘A Lua Vem da Ásia’, tornando o texto surrealista do mineiro Campos de Carvalho mais acessível nos dias de hoje

confronta uma realidade externa tão ou mais absurda que sua própria condição mental. Essa estrutura permite ao público acompanhar tanto a jornada interior quanto a percepção distorcida que o personagem tem do mundo ao seu redor.

O texto de Campos de Carvalho, que o próprio autor definia como “um gigantesco grito lançado sobre a vulgar balbúrdia cotidiana”, mantém sua relevância crítica décadas após sua criação. A obra funciona como uma lente de aumento sobre as contradições e absurdos da

civilização moderna, utilizando o delírio como instrumento de análise social. O personagem narrador, embora confinado fisicamente, viaja pelo imaginário para geografias improváveis, encontrando na linguagem seu único meio de escape e libertação.

“Além de ser uma referência na literatura brasileira, nós termos um surrealista testemunha dos tempos é curioso como os tempos continuam atuais. Ou seja, a obra se mantém atualíssima no que diz respeito à lucidez confrontada

com a barbárie dos tempos atuais”, observa Chico Diaz. Para o ator, a peça oferece uma oportunidade valiosa de debate sobre questões fundamentais como liberdade, prisão, saúde mental e racionalidade civilizatória, temas que ressoam com particular intensidade no contexto contemporâneo.

O espetáculo convoca o público como ouvinte atento das memórias e reflexões do protagonista, estabelecendo uma relação de cumplicidade que transcende a simples observação teatral. Nesse

jogo entre realidade e delírio, entre lucidez e loucura, “A Lua Vem da Ásia” propõe uma experiência teatral que desafia as percepções convencionais sobre normalidade e marginalidade social.

Com uma extensa carreira no cinema, teatro e televisão, Chico Diaz foi reconhecido pelo conjunto de sua obra e contribuição à cultura brasileira ao receber em maio a Ordem do Mérito Cultural.

## SERVIÇO

### A LUA VEM DA ÁSIA

Teatro Vannucci (Shopping da Cávêa - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar)  
De 5/7 a 31/8, sábados (20h30) e domingos (19h30)  
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

# Demi c'est entier

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Rio de Janeiro continua sendo... a cidade mais bonita do mundo... o desejo dos estrangeiros... o lugar que abriga todos os bons prazeres... É nessa mistura de todas as partes que acontece o Demi Boteco, nascido do encontro de duas paixões, gastronomia e amizade de Stéphane, bretão de alma brasileira, e Thierry, marseilhês apaixonado pela arte de cozinhar.

Fomos em dois tempos conhecer o Demi, pois são tantas delícias que uma ida é pouco. A primeira com minha amiga Rosana, verdadeira francófila. Começamos com o escabeche, simplesmente perfeito. A sardinha inteira, sem espinhas e macia, com a cobertura dos vegetais e do sabor levemente picante do vinagre. Os palitinhos de berinjela, perfeitamente fritos, crocantes, empanados, temperados com páprica, com molho de missô agri-doce,

CRÍTICA / RESTAURANTE / DEMI BOTEÇO

Lipe Borges/Divulgação



No Demi Boteco, o coucous marroquino com assinatura do chef Thierry esbanja perfeição

pois os molhos criativos são a especialidade de Thierry e, após, o couscous, pièce de résistance au perfection.

Na segunda ida, após um concerto com a Orquestra de Câmara da Ópera Nacional da China, levei Helê-Nice, leitora diária do Fígaro. Ela pediu Crepe Marie, feito de trigo sarraceno com queijo, presunto cru, cogumelos Paris, tomate-cereja confit e rúcula e, uhlalá, o melhor que já experimentou no Brasil. Para acompanhar, o imbatível Martini de Bê, o mixologista que domina totalmente as técnicas dos drinks, fomos de Léon hot dog: cachorro-quente com linguiça na ciabatta, batatas fritas dentro do pão. O pão da Araucária é o suporte ideal para o banho do molho da entrecôte que enxarca o pão, o queijo derretido, a linguiça mineira fina, bem frita e a novidade da batata que já vem no sanduíche.

Tudo é original e surpreendente, porque nada é gourmetizado ou segue alguma moda. O chef Pedro, do Couchon Rouge, além do seu delicioso patê, comanda a cozinha. No salão, o atendimento carinhoso, presente, alegre de Giulia e Rafa completam um time raro de se encontrar. E só posso dizer com a velha canção francesa: Je reviens pour le meilleur. Eu volto sempre para o melhor.

## SERVIÇO

### DEMI BOTEÇO

Rua Bento Lisboa, 184/C - Catete | Terça a sábado (12h às 23h30) e domingos (12h às 17h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Para os chocólatras

No dia 7 de julho, o chocolate ganha holofotes e alguns restaurantes da cidade prepararam delícias especiais. No Páreo, o trio de sobremesas – petit gâteau, profiteroles e mousse meio amarga (foto) – promete agradar os paladares mais exigentes. A La Capital Cevicheria aposta no bolo criollo recheado de brigadeiro com sorvete. Já o Lima Cozinha Peruana oferece uma versão do clássico tres leches com creme de nutella. No Talho Capixaba, a dica são as tortas artesanais, como a de chocolate com framboesa ou brigadeiro.

Divulgação



Alexander Landau/Divulgação



### Rossetes do Spesso

Depois do Botafogo Praia Shopping, o Spesso – Cucina Italiana inaugura sua segunda unidade no emblemático Edifício Argentina. A nova casa oferece murais pintados à mão e estrutura para eventos. No menu, o destaque vai para as Rosette, massa artesanal em formato de rosa, criada em parceria com Mia Vasconcelos. A de camarão (foto) é para se comer baldes. O chef Luciano Boseggia assina pratos clássicos com leveza contemporânea e ingredientes importados. Com carta de vinhos 100% italiana, o Spesso convida a uma verdadeira viagem pelos sabores da Itália.

Rodrigo Azevedo/Divulgação



### A quatro mãos

O Amana, em Niterói, no dia 5 de julho, é palco de um encontro gastronômico único e ímpar. Leo Guida e Rodrigo Tristão – do badalado Fofoca Búzios – unem talento e amizade num jantar a quatro mãos repleto de criatividade. O menu, pensado para ser compartilhado, celebra ingredientes surpreendentes e combinações ousadas, como empanada de morcilla, vieiras com lardo, Roast beef Tonne (foto) e fazzoletti de galinha d'angola. Para quem gosta de misturas inusitadas, mas que casam, Léo e Rodrigo possuem total domínio. Um momento para celebrar a vida e seus melhores prazeres!

# Encantado

Era um dia, era claro! É sol, é quase um inverno primaveril. Já chega o dia que abriremos a janela do peito.

Quase meio! O início e, até quem sabe, o fim. O fim da noite, o meio para se chegar ao dia da madrugada sorvida pelo lúmen, o início da atualidade onde não há rastro de cobra, mas rosas hereditárias! Era um rapaz natural viajante.

Era um canto falado dos pássaros que aqui gorjeiam, muito mais maviosos, que acolá!

Ponteio, Capinam, uiva o Lobo, um pé de Edu que frutificou.

O Rio amanheceu, leve, louco, livre, live, love; exagerado talvez... o cara, um grande Circo Místico. Cheio de quimeras, assumindo pecados daquele bandido coração, velho e amarelado postal de amor, que os ventos do Norte trouxeram. Havia um certo ar de utopia expulsando toda distopia.

Alvoreceu pintura, porque o tempo não para o sétimo céu de Santo Antônio. E se eu pudesse entrar na sua vida, Bruxinha do trem azul, filha de Cataguá? Será que é de éter. Será que é cenário? É hoje, é solário. Heliús. Hélio, filho do titã Hiperião e a titânida Téa.

E o sol; se ela mora num arranha-céu? Se equilibra por entre as paredes, tijolo por tijolo, forma um desenho com sol de primavera, ao mesmo tempo lógico porque sempre foi mágico.

O Sol tem alma feminina, o chamo Beatriz. Beatus, Beatrice, Beare. Representa o alfa em seu nome.

Phoibos.

Éos, divindade, Eros. Será que é uma estrela, será bruxaria? E se eu pudesse entrar na sua vida...

Será que é Chico Buarque? Será Edu Lobo? Será que é comemoração? Viva Edu, uiva o Lobo Neerlandês.

Um trem caipira, Villas, Gullares, cores caetaneadas, preto-azulado, rosa-dourado, amarelo-orvalhado, auriverde-molhado.

É dia, eu já escuto os teus sinais.

É a bruma leve.

Zéfiro em lufadas, límpido páramo.

Solidários,

Serenos,

Sagrados,

Sábados,

Seremos Rio,

Seremos o mundo,

Sou Minas Gerais.

